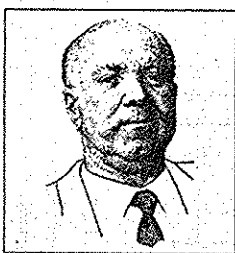


GILBERTO DE MELLO KUJAVSKI

S. Exa., o índio, e os enganos do nativismo

Nas comemorações dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil os índios foram empurrados para o primeiro plano, como se somente eles representassem o que há de mais genuíno no Brasil. Apresentando-se de tanga e com o corpo pintado, exibiram-se em Porto Seguro com um



O futebol é inglês, o carnaval veio da Grécia e de Roma e o samba, da África...

discurso duvidoso em que interpelavam o branco como invasor e predador de um povo inocente e pacífico (o que não é verdade). Passando pelo Congresso, fizeram com ACM o que nem Jader Barbalho conseguiu, colocando-lhe a faca (uma seta) no peito. Ficou evidente que os índios brasileiros não convenceram, representando um papel equivocado num filme muito mal dirigido (provavelmente por alguns bispos progressistas da CNBB). Nesse novo surto de indianismo, o pobre índio, usado, manipulado, foi transformado em objeto ecológico, pouco faltando para que suas reservas adotem o estilo da Disneylândia, com entrada paga para quem quiser entrar e tirar fotos. Um episódio catastrófico. O índio merece mais respeito.

Além do espetáculo grotesco que foi essa tentativa canhestra de revivência do mito do bom selvagem, a sugestão subliminal que ficou no ar foi a regeneração de um nacionalismo de base nativista (tendo em vista o pano de fundo da abominada globalização). Que bela ocasião para nos fantasiarmos todos de índio e darmos o grito de Tarzã de nosso rompimento com a globalização, o FMI e a Internet!

O nativismo é aquela forma rudimentar de patriotismo segundo o qual só é bom o que é "nosso", e só é nosso o que é autóctone, nascido no chão da Pátria. Tudo o que vem de fora deve ser repellido, até com violência, como invasão odiosa de nossas fronteiras sagradas. Policarpo Quaresma, o patético herói criado por Lima Barreto, foi a representação mais pura de nosso bravio nativismo.

Pois bem, onde o nativismo se engana e é enganado, redondamente, é na confusão do "nosso" com o autóctone,

o natural do país em que vivemos. Vamos listar algumas coisas que passam como mais tipicamente nossas, a ponto de serem adotadas como emblemas de brasilidade. Veremos que nenhuma delas é nativa do solo brasileiro.

Para começar, o futebol. Todo mundo sabe que o futebol, do inglês "football", foi importado da Inglaterra, só entrando em nosso território ao final do século 19, por obra do esportista brasileiro Charles Miller. O carnaval veio bem mais de longe no tempo, constituindo a reminiscência das festividades pagãs celebradas na Grécia e em Roma, o samba foi trazido pelos negros da África.

O jogo do bicho – quem diria? – não foi inventado pelo barão de Drummond, no Rio de Janeiro, e sim importado da China, em sua passagem por Cuba. O historiador carioca José Roberto Teixeira Leite está bem documentado a respeito.

O café, a "negra rubiácea" que fez a fortuna de São Paulo, todos sabem que foi introduzida, clandestinamente, de Caiena, pelo espertíssimo Francisco de Melo Palheta. Que mais? Nem a mangueira, nem o coqueiro, nem as palmeiras, tão identificados com a paisagem brasileira, são nativos. A mangueira proveio da Ásia, provavelmente da Índia; o coqueiro, esse mesmo coqueiro da Bahia que tanto enfeita nossas praias, é proveniente das costas asiáticas e polinésias, trazido pelos portugueses; as palmeiras, com seu majestoso efeito ornamental, procedem das Antilhas.

E o índio, por acaso, está aqui desde sempre? Não, os ameríndios são descendentes de povos primitivos que chegaram à América migrando da Ásia, pelo Estreito de Bering. A diferença do homem branco é que chegaram primeiro.

Não é o caso de ficarmos tristes, porque tudo isso que veio de fora foi incorporado como legitimamente nosso, embora não autóctone. Tudo o que alimenta um organismo vivo, planta ou animal, vem de fora. O ar, a luz, a água, os nutrientes que sustentam o organismo

vivo são recebidos do exterior, mas assimilados à própria substância de que ele é feito, a carne dos animais e a celulose dos vegetais. Outro tanto acontece com os grandes organismos sociais que são os países ou as nações. Da capacidade brasileira de assimilação disse o escritor Blaise Cendrars: "O Brasil é um reservatório de criatividade que absorve e digere, dá expressão nova ao que parece vir de fora." Semelhante afirmação se poderia aplicar, igualmente, à Grécia, a Roma, aos reinos bárbaros romanizados dos quais saíram as nações européias modernas, aos EUA e ao Japão. Todas as culturas nacionais se constituem da mesma forma: selecionam e assimilam o que vem de fora, de modo a transformá-lo em sua própria substância, ao reformulá-lo em novo estilo, ao nacionalizá-lo. Esse é o único nacionalismo que tem sentido. O futebol inglês, ao ser apropriado pelas equipes brasileiras, adquiriu novo estilo e nova vitalidade até então desconhecidos. O mesmo se diga do barroco europeu apropriado pelo Aleijadinho, gerando o barroco mineiro. Com o romantismo e o modernismo não foi diferente.

O verdadeiro nacionalismo não está em rejeitar tudo o que vem de fora, e sim na capacidade criadora de *nacionalizar* o que nos entra pelas fronteiras. Músicos contemporâneos de Vila-Lobos insistiam teimosamente na tecla nativista, rejeitando como coisa do diabo toda e qualquer influência européia. Já Vila-Lobos, primeiro, deixou-se arrebatado pela mais pura música de Bach e, depois, a transfundiu de maneira nova e criadora, compondo as gloriosas *Bachianas brasileiras*. Guimarães Rosa, ao escrever sua obra, tinha um ouvido na fala do sertão e o outro ouvido na palavra dos grandes videntes do pensamento e da mística.

Eis aí como se forma a identidade cultural de um povo – pela assimilação e reprodução criadora das contribuições estrangeira. Perigosa expressão é esta na qual hoje tanto se insiste: identidade nacional. O processo de assimilação do que vem de fora é análogo nos animais, nas plantas e na sociedade humana, como assinalamos acima. Só que seu resultado é bem diferente. O animal, a planta, o mineral têm sua identidade invariá-

vel. Pelo menos no presente estágio da evolução, os bois e os cavalos são sempre herbívoros, as oliveiras sempre produzirão azeitonas e as jabuticabeiras, jabuticabas. A identidade de um povo, ou mesmo de um homem, não é assim tão fechada. Ao contrário, é aberta, flexível, modificável no tempo. Se tomarmos um, dois ou três séculos de referência, ou se não saímos de nossa própria cultura, o tipo humano parece sempre fixo e invariável. Se considerarmos, no entanto, o homem no curso de alguns milênios, ou no trânsito das mais variadas culturas, veremos que seu perfil antropológico é diverso e variável. Dir-se-á que a natureza humana é sempre a mesma. Do ponto de vista abstrato pode ser, mas do ponto de vista histórico, que é o mais integral e completo, é duvidoso. A "humanidade" do homem se mede, por exemplo, pela sua idéia de felicidade. Pense-se no que é a felicidade de um sertanejo descrito por Euclides da Cunha, a de um socialite do Rio ou de São Paulo e a de Machado de Assis. A assimetria dos ideais de felicidade traduz formas distintas e incompatíveis de ser homem. Por isso é perigoso falar em "natureza humana" ou na "identidade" de um povo. Não é que o homem seja uma "substância" sujeita a um sem-número de variações no tempo e no espaço. É que a própria "substância" do homem consiste em variação. É isso, precisamente, o que quer dizer aquela intrigante afirmação de Ortega, que tanto custa a entrar em muitas cabeças: "O homem não tem natureza, sim que ele tem... História."

Em suma, a identidade do homem, ou de um povo, nunca é fixa e invariável, não está "programada" como a do animal, da planta ou do mineral. É identidade infinitamente plástica, que não está constituída para todo o sempre, mas sempre em fase de constituição, numa procura e insatisfação permanentes. E a maneira de se plasmar a identidade de um povo (ou de uma pessoa) é imprimir o selo da criação a uma disposição receptiva universal e sem discriminações. Como naquelas delicadas harpas eólicas, tocadas pelo vento, o impulso vem de fora, mas a resposta musical única é gerada pelas cordas.